

anais de história de além-mar

XVI
2015

PERIODICIDADE	Anual
DIRECÇÃO	João Paulo Oliveira e Costa
COORDENAÇÃO	João de Figueirôa-Rêgo
SECRETARIADO	Cátia Teles e Marques
CONSELHO DE REDACÇÃO	Cátia Teles e Marques (CHAM) George Evergton Salles de Souza (Universidade Federal da Bahia) João de Figueirôa-Rêgo (Universidade NOVA de Lisboa/CHAM) Jorge Flores (European University Institute) José Javier Ruiz Ibáñez (Universidad de Murcia) José da Silva Horta (Universidade de Lisboa) Miguel Metelo de Seixas (Universidade Lusíada/CHAM/IEM)
CONSELHO CONSULTIVO	Ana Isabel Buescu (Universidade NOVA de Lisboa/CHAM) André Teixeira (Universidade NOVA de Lisboa/CHAM) Ângela Domingues (Universidade de Lisboa/Centro de História) Angelo Alves Carrara (Universidade Federal de Juiz de Fora) António de Almeida Mendes (Université de Nantes) Avelino de Freitas de Meneses (Universidade dos Açores/CHAM) Barbara Karl (MAK-Museum für angewandte Kunst/Gegenwartskunst in Vienna) Cátia Antunes (Universiteit Leiden) Fernando Bouza Álvarez (Universidad Complutense de Madrid) Hervé Pennec (Centre national de la recherche scientifique) Ines G. Županov (Centre national de la recherche scientifique) István Rákóczi (Eötvös Loránd Tudományegyetem) João José Reis (Universidade Federal da Bahia) José C. Curto (York University) José Damião Rodrigues (Universidade dos Açores/CHAM) Leonor Freire Costa (Universidade de Lisboa) Malyn Newitt (King's College London) Miguel Ángel de Bunes Ibarra (Consejo Superior de Investigaciones Científicas) Nuno Senos (Universidade NOVA de Lisboa/CHAM) Pedro Cardim (Universidade NOVA de Lisboa/CHAM) Pedro Puntoni (Universidade de São Paulo) Rogério Miguel Puga (Universidade NOVA de Lisboa/CETAPS) Rui Loureiro (Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes/CHAM) Tonio Andrade (Emory University) Zoltán Biedermann (University College London)
EDIÇÃO E PROPRIEDADE	Centro de História d'Aquém e d'Além-Mar Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa Universidade dos Açores
SEDE ADMINISTRATIVA	Av.ª de Berna, 26-C 1069-061 Lisboa anais.cham@fesh.unl.pt http://www.cham.fesh.unl.pt
REVISÃO DE TEXTO	Rute Mota
CAPA E PROJECTO GRÁFICO	Patrícia Proença
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO	ACD PRINT, S.A. Rua Marquesa de Alorna, 12A 2620-271 Ramada, Odivelas Tel.: 219 345 800 – Email: geral@acdprint.pt – www.acdprint.pt
TIRAGEM	300 ex.
ISSN	0874-9671
DEPÓSITO LEGAL	162657/01

anais de história de além-mar

XVI
2015

CENTRO DE HISTÓRIA D'AQUÉM E D'ALÉM-MAR

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

UNIVERSIDADE DOS AÇORES

Centro de História
d'Aquém e d'Além-Mar
CHAM
Universidade Nova de Lisboa
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade dos Açores

Lisboa • Ponta Delgada

REFEREES 2014-2015

Os artigos publicados nos *Anais de História de Além-Mar* são submetidos a arbitragem científica, em regime de *double blind peer-review*. A fim de garantir o anonimato na edição para a qual colaboram, os árbitros são apresentados a cada dois volumes.

Adelino Cardoso (Universidade NOVA de Lisboa/CHAM)	Carlos Almeida (Universidade de Lisboa/Centro de História)	Linda Heywood (Boston University)
Adolfo Carrasco Martinez (Universidad de Valladolid)	Fernanda Olival (Universidade de Évora/CIDEHUS)	Luís Frederico Dias Antunes (Universidade de Lisboa/Centro de História)
Ana Leal de Faria (Universidade de Lisboa)	Gerhard Seibert (ISCTE-IUL/Centro de Estudos Africanos)	Mafalda Soares da Cunha (Universidade de Évora/CIDEHUS)
Ana Paula Medici (Universidade Federal da Bahia)	Helder Carita (Universidade NOVA de Lisboa/Instituto de História da Arte)	Manel Ollé Rodríguez (Universitat Pompeu Fabra)
Ângela Domingues (Universidade de Lisboa/Centro de História)	Iraci del Nero da Costa (Universidade de São Paulo)	Maria da Graça Mateus Ventura (Universidade de Lisboa/Centro de História)
António Camões Gouveia (Universidade NOVA de Lisboa/CHAM)	Isabel dos Guimarães Sá (Universidade do Minho)	Maria Pilar Ponce Leiva (Universidad Complutense)
Antônio Carlos Jucá de Sampaio (Universidade Federal do Rio de Janeiro)	Jaime Reis (Universidade de Lisboa/Instituto de Ciências Sociais)	Marina Alfonso Mola (Universidad Nacional de Educación a Distancia)
Antonio Cortijo Ocaña (University of California Santa Barbara)	Jean-Louis Rallu (Institut National d'Etudes Demographiques)	Mario Marcos Sampaio Rodarte (Universidade Federal de Minas Gerais)
António Costa Canas (Escola Naval/Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia)	João José Alves Dias (Universidade NOVA de Lisboa/CHAM)	Miguel Ángel Puig-Samper (Consejo Superior de Investigaciones Científicas)
Antonio García-Abásolo (Universidad de Córdoba)	John Thornton (Boston University)	Miguel Luque Talaván (Universidad Complutense de Madrid)
Antonio Otaviano Vieira Junior (Universidade Federal do Pará)	José Curto (York University)	Otto Zwartjes (University of Amsterdam)
Avanete Pereira Sousa (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia)	José Damião Rodrigues (Universidade de Lisboa/Centro de História)	Pedro Puntoni (Universidade de São Paulo)
Beatriz Gallotti Mamigonian (Universidade Federal de Santa Catarina)	José Engenjo Borao Mateo (National Taiwan University)	Rui Leandro Maia (Universidade Fernando Pessoa)
Cameron Campbell (Hong Kong University of Science and Technology)	José Manuel Garcia (Câmara Municipal de Lisboa/Universidade NOVA de Lisboa/Instituto de História da Arte)	Salvador Bernabeu Albert (Consejo Superior de Investigaciones Científicas)
		Shane Doyle (University of Leeds)

Os *Anais de História de Além-Mar* estão referenciados e indexados nas seguintes bases de dados internacionais:

AERES	ERIH Plus	MIAR
America: History and Life CARHUS	Fonte Academica	Qualis/Capes
CARHUS Plus	Historical Abstracts	Scopus/Elsevier
CIRC	Latindex (catálogo)	SHERPA/RoMEO
classifICS	MEDLINE/PubMed	SJR
		Ulrich

O Centro de História d'Aquém e d'Além-Mar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa e da Universidade dos Açores é financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia – UID/HIS/04666/2013.

recensões

Kathryn Anderson Wellen, *The Open Door — Early Modern Wajorese Statecraft and Diaspora*, DeKalb, Northern Illinois University Press, 2014, 217 pp. ISBN 9780875807126.

Kathryn Anderson Wellen é uma historiadora americana da Ásia do Sueste, cujos trabalhos de investigação mais relevantes têm incidido sobre os sultanatos da região sul de Sulawesi (Celebes), mais especificamente sobre o reino de Wajoq e as suas relações com Macaçar. É, presentemente, investigadora no KITLV (Royal Institute of Southeast Asian and Caribbean Studies), em Leiden. *The Open Door* é o resultado da reformulação da sua dissertação de doutoramento, apresentada à Universidade de Hawai'i em 2003, sob a supervisão de Leonard Andaya. Trata-se de um trabalho de mérito, inovador e aprofundado, acerca de um fenómeno mal estudado e que, até ao momento, não despertara especial interesse por parte dos historiadores: os impactos da chamada «Guerra de Macaçar», que opôs a VOC holandesa ao sultanato de Macaçar (mais precisamente, Gowa-Talloq), no reino vizinho de Wajoq. A questão pode ser resumida brevemente do seguinte modo: devido à sua lealdade para com Gowa e por terem alinhado no conflito ao lado dos vencidos, os Wajo sofreram consequências invulgarmente severas, impostas pelos holandeses e pelo reino vencedor de Boné. Neste sentido, a obra permite um interessante confronto com um trabalho clássico do orientador da autora, Leonard Andaya, acerca de Arung Palakka, o personagem que liderou Boné ao lado dos holandeses e que foi o principal obreiro da derrota de Gowa e da humilhação inflingida aos Wajo (*The Heritage of Arung Palakka — A History of South Sulawesi (Celebes) in the Seventeenth Century*, Haia, Martinus Nijhoff, 1981). Já sobre outros aspetos, nomeadamente a atenção dedicada às crónicas Bugis e o enquadramento das problemáticas históricas nas estruturas sociais, políticas e ideológicas da região sul de Sulawesi, o livro permite uma boa articulação com trabalhos mais recentes de L. Andaya, mas também com os de Ian Caldwell, Christian Pelras ou J. Noorduyn, entre outros.

The Open Door debruça-se sobre o rescaldo daquela derrota — uma diáspora por várias regiões do arquipélago malaio-indonésio — mas também sobre a forma como as

diversas comunidades Wajo lograram integrar-se e prosperar no seio das sociedades de acolhimento e, sobretudo, manter uma estreita ligação à sua terra de origem, que lhes permitiria um regresso triunfante algumas décadas mais tarde. O título da obra faz eco de uma característica fundamental de Wajoq, presente nas tradições sociais deste reino e nos seus textos fundacionais: a mobilidade dos habitantes e o seu direito à saída e ao regresso, sem quaisquer restrições. Foi, precisamente, esta mobilidade consagrada na tradição e na prática que permitiu a sobrevivência de laços duradouros e resilientes entre as estruturas políticas e sociais de Wajoq e as comunidades que se espalharam pelo Sueste Asiático.

The Open Door está dividido em oito capítulos, no decorrer dos quais são expostas e analisadas várias facetas e aspetos deste processo, mediante o uso abundante de bibliografia e de fontes, quer holandesas, quer locais. Não se limitando a descrevê-lo de forma cronológica ou factual, a autora elabora interessantes reflexões sobre conceitos e problemas que envolvem a diáspora dos Wajo, as suas estratégias de adaptação aos contextos sociais e políticos das sociedades onde se fixaram e os problemas de identidade que daí advieram. O primeiro capítulo é dedicado a «diásporas e estados», onde se procede a uma abordagem destes e de outros conceitos, nomeadamente o confronto entre as conceções, digamos, «clássicas» da História europeia (como fronteira ou estado-nação) e as realidades políticas e sociais da Ásia do Sueste. O capítulo II é dedicado, ainda de forma introdutória, aos antecedentes do fenómeno central que constitui o cerne do livro: a história, a estrutura social e a tradição política dos reinos da região que permitem compreender melhor a «Guerra de Macaçar» e os seus efeitos em Wajoq.

Nos três capítulos seguintes, a autora traça as linhas essenciais da diáspora. Primeiro, define um quadro espacial com quatro dos destinos mais importantes (Macaçar, a zona oriental de Kalimantan (Bornéu), a Península Malaia e Samatra ocidental), descrevendo o modo como estas comunidades conseguiram, mediante a celebração de acordos e tratados com as autoridades locais, estabelecer boas relações ao nível político e criar formas de autogoverno que garantiram a autonomia e o fortalecimento dos laços entre os diversos grupos. De seguida, debruça-se sobre a organização das redes comerciais dos Wajo e o enquadramento legal que regulava as suas atividades, o que, em última análise, foi um fator determinante para a prosperidade e o poder económico que estas comunidades conseguiram alcançar nas décadas que se seguiram ao êxodo. Finalmente, aborda a questão das ligações familiares como fator de coesão e crescimento destas redes por todo o Sueste Asiático, não apenas como estratégia de reforço dos laços que uniam os diversos grupos mas como instrumento diplomático na relação com as sociedades de acolhimento.

O capítulo VI é, talvez, o mais interessante de toda a obra, por abordar uma questão inevitável em qualquer estudo envolvendo diásporas: os problemas da etnicidade e identidade. O que resulta fascinante no caso em estudo é a forma como a identidade das comunidades Wajo era essencialmente permeável, incorporando traços distintos e de origens diversas. Este aspeto está condensado nas duas frases seguintes, que se reportam à atualidade: «Cada Wajo é simultaneamente membro de grupos mais alargados, como os Bugis ou os indonésios, e de comunidades mais pequenas no seio de Wajoq, como

Talotenréng [um *limpo*, ou seja, uma das entidades políticas que formam o reino] ou uma aldeia. Quando um ou uma Wajo é interrogado(a) acerca das suas origens, o que ocorre frequentemente e não é considerado indiscrição no sul de Sulawesi, ele ou ela responde de acordo com uma escala de precisão adequada às circunstâncias» (p. 109). Assim, e no contexto em estudo, sem deixar de ser e assumir-se como Wajo (e, de forma mais abrangente, como Bugis), cada comunidade integrava gradualmente traços identitários das sociedades onde se estabelecia e com as quais estava ligada por laços familiares, num processo complexo de interações e solidariedades inclusivas que não deixavam, contudo, de gerar tensões, conflitos com outras comunidades, com as estruturas políticas da terra de origem ou com grupos rivais.

Finalmente, o capítulo VII descreve o percurso atribulado de La Maddukelleng, o líder Wajo exilado em Kalimantan que regressou a Macaçar na década de 1730 e que polarizou a luta contra os holandeses, razão pela qual foi em 1998 elevado à categoria de «herói nacional» na Indonésia. Já Hasanuddin, o sultão de Macaçar derrotado em 1669, havia merecido idêntico estatuto, em 1973. No entanto, a ação de La Maddukelleng foi igualmente de conduzir Wajoq a uma nova era de hegemonia regional, em detrimento dos vencedores da «Guerra de Macaçar», ou seja, o reino de Boné e os seus aliados. Um capítulo final, de conclusão, encerra a obra.

The Open Door é um trabalho que concilia, de forma muito satisfatória, a erudição e o trabalho de investigação com a síntese e a fluidez discursiva. É notável a forma como a autora consegue centrar-se no essencial, sem perder de vista os pormenores explicativos e os enquadramentos gerais, tornando a obra de fácil leitura, mesmo para quem não esteja familiarizado com a complexidade histórica dos reinos da região sul de Sulawesi e com as especificidades sueste-asiáticas. Alguns mapas, um pequeno glossário e um índice são presenças que contribuem decisivamente para a inteligibilidade do livro. Dispõe igualmente de notas explicativas e de uma bibliografia.

Há a apontar, contudo, alguns aspetos da obra que são passíveis de crítica e que limitam a profundidade da abordagem exposta. Refiram-se apenas dois. O primeiro é, ironicamente, a própria capacidade de síntese da autora, que permite uma leitura fluida e contínua mas condiciona, em várias ocasiões, uma abrangência e/ou uma análise mais pormenorizada sobre vários aspetos em estudo. Basta referir que o texto completo, excluindo notas e aparato erudito, não ultrapassa as 160 páginas. Várias questões mereceriam, deste modo, um tratamento mais elaborado. Por exemplo, o subcapítulo que trata da «identidade enquanto mecanismo essencial da diáspora» e que encerra o capítulo VI, ocupa apenas duas páginas, quando o tema mereceria um tratamento mais completo e profundo, assim como uma conclusão mais detalhada.

O segundo é a ausência de uma perspetiva comparativa, ainda que sumária, com outras diásporas que tiveram lugar no mesmo contexto histórico que aquele que constitui o cerne do livro. O capítulo final, chamado precisamente «os Wajo numa perspetiva comparada», não chega a ocupar cinco páginas de texto. Teria sido muito interessante situar a diáspora

dos Wajo em contraste, por exemplo, com as comunidades de chineses ultramarinos, de permeabilidade muito mais reduzida às sociedades e aos contextos políticos das regiões anfitriãs, em toda a Ásia do Sueste. Da mesma forma, a chamada «tribo portuguesa», ou seja, as comunidades mestiças de origem portuguesa que floresceram em Macaçar após a queda de Malaca em 1641 e que foram expulsas após a derrota de 1669, constituem outro exemplo paralelo — e próximo dos eventos mencionados no livro — que teria sido fascinante integrar numa perspectiva comparada. Espera-se portanto que a autora possa, num futuro próximo, alargar os horizontes de trabalho e a amplitude da sua investigação que tem neste *The Open Door* um excelente e auspicioso ponto de partida.

Paulo Jorge de Sousa Pinto

CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Universidade dos Açores, Portugal

Bolseiro de Pós-Doutoramento da FCT - SFRH/BPD/77629/2011

paulopinto@fcs.unl.pt

Luís M. Arruda, *O Descobrimento Científico dos Açores. Do povoamento ao início da erupção dos Capelinhos*, Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura, 2014, 424 pp., ISBN 9789898225375.

A historiografia dos últimos anos tem aprofundado conhecimentos acerca dos Açores, tanto nas suas realidades internas como na relação com Portugal peninsular e o contexto internacional, sobretudo Atlântico. No caso deste arquipélago, como de outras regiões, uma das áreas em geral menos estudadas é o seu papel na História da Ciência. Por isso a obra que aqui registamos constitui um contributo importante, e nos seus moldes pioneiro, para o conhecimento do tema.

Luís M. Arruda, com formação e trabalho científico na área da Biologia, dedicou-se nos últimos anos a várias investigações históricas, focando-se principalmente em temas relacionados com o papel dos Açores na evolução da Ciência. Os seus conhecimentos em História da Ciência e dos Açores cruzaram-se em pesquisas anteriores, como sejam os artigos publicados na *Enciclopédia Açoriana* acerca de cientistas ou investigadores açorianos, o registo dos naturalistas que visitaram estas ilhas na centúria de Oitocentos ou os estudos sobre Francisco de Arruda Furtado. Este *descobrimento científico dos Açores* é, como afirma o próprio autor, o culminar de um processo de investigação que vinha realizando há bastante tempo e havia sido divulgado apenas de forma parcelar, em momentos como os que referimos acima.

Mas esta obra, ao contrário do que possa parecer, não tem os Açores como ponto de partida, no sentido de apresentar uma visão colocada do arquipélago para o mundo, necessariamente centrada no primeiro, mas sim do mundo para o arquipélago, fazendo